

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

EVELINE TENORIO MENDES

O olhar do educador: a complexibilidade da prática educativa, uma reflexão acerca dos desafios na construção e efetivação dos direitos à cidadania.

MATINHOS
2021

EVELINE TENORIO MENDES

O olhar do educador: a complexibilidade da prática educativa, uma reflexão acerca dos desafios na construção e efetivação dos direitos à cidadania.

Trabalho apresentado para conclusão do curso de Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar da Universidade Federal do Paraná, setor Litoral.

Orientador Prof.º Dr. Valdo José Cavallet

MATINHOS
2021

RESUMO

Este artigo enfoca as diferentes representações dos elementos da configuração social da Ilha dos Valadares. Localizada em Paranaguá, litoral do Paraná, na margem direita do rio Itiberê, mantém uma relação de mediação com a cidade de Paranaguá. As transformações dos espaços rurais e urbanos têm mudado intensamente suas relações sociais e culturais.

A preocupação com estas transformações promoveu o desenvolvimento deste artigo. Os desafios da sociedade contemporânea impõem, para a escola a necessidade de rever antigas posturas em relação ao que a comunidade busca. Fica claro que a escola da atualidade, além de ensinar precisa se preocupar em ser capaz de formar mentes que possam atuar e se posicionar frente às questões da sociedade, para isso, pesquisando o cotidiano, teorizando as práticas, revendo os currículos e metodologias na busca de uma educação emancipadora.

Palavras-Chaves: Ilha dos Valadares; Caiçara; Educação.

ABSTRACT

This article focus on the different representations the elements of the social configuration of Valadares Island. Valadares is located in Paranaguá, on the coast of Paraná, on the right bank of Itiberê river, and it interacts with the city of Paranaguá. The transformation suffered by rural and urban areas have deeply changed their social and cultural.

Our concern about those transformations motivated the development of this article. The challenges of the contemporary society impose the needs of review the old posture related to the society. It seems clear that the current school besides to teach, needs to worry about improve minds in the order to act and have a position for the society questions, searching the daily, making theory for the practice, reviewing the subjects and methodologies to target and emancipatory education.

Keywords: Valadares Island; Caiçara; Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	O ESPAÇO CAIÇARA.....	6
3	CULTURA CAIÇARA	7
4	DESTERRITORIZAÇÃO.....	9
5	PRÁTICAS SOCIAIS	13
6	ARTESÃO E FANDANGUEIRO.....	16
7	CARPINTARIA CAIÇARA.....	16
8	A CRENÇA DO POVO CAIÇARA.....	17
9	ROMARIA DO DIVINO ESPIRÍTO SANTO	19
10	A TRADIÇÃO DO FANDANGO	20
11	A PAIXÃO QUE VIROU UNIÃO	21
12	FUTEBOL.....	23
13	ESTIGMA	24
14	EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO.....	26
15	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Não há como negar a urgência de (re) pensar (re) imaginar novas práticas pedagógicas que contemple uma ação educativa-crítica no cotidiano do professor na sala de aula, e fora dela. A cada dia mais a sociedade aponta demandas de pautas contra a violência, o desemprego, a crise econômica, o feminicídio, o racismo, o direito a terra, a conservação da natureza.

Considerando que a Educação é um caminho para o enfrentamento das questões sociais que se desdobram nesse território, é necessário um olhar para as relações tecidas no cotidiano desses educandos, procurando diminuir a distância que o separa de suas condições negativas de vida na medida em que o ajudo a aprender a superar as injustiças.

Para isso, é necessário que o educador deseje desenvolver uma prática-educativa de "pensar com" e assumir um compromisso político, ético e epistemológico, a fim de romper com o pensamento simplificado e excludente, e afirmar a complexidade que envolve o ato de educar. Entender que a Educação é um campo interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar.

O objetivo desse trabalho é contribuir para o enriquecimento da prática-educativa dos professores que atuam nas comunidades caiçara, pois o reconhecimento das relações sociais tecidas neste território, são saberes necessários à prática educativa para a emancipação desses sujeitos.

As reflexões tecidas ao logo deste artigo integram um olhar do Educador que está molhado dos saberes e práticas sociais da realidade desses educandos, minhas considerações e memórias vividas neste espaço parte do "modo de vida" caiçara.

A formação de professores e das professoras devia insistir na constituição deste saber necessário que me faz certo desta coisa óbvia, que é a importância inegável que tem sobre nós o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos (FREIRE, 2013, p.134)

Sem conhecer os contornos geográficos, social dos educandos não há como ensinar um cidadão integral, é necessário conhecer a realidade, as condições materiais em que vivem e, sob o que vivem os educandos para compreender as forças que lhes condicionam a compreensão do mundo.

Busco na pedagogia freiriana a restauração da intersubjetividade na construção de uma prática educativa humanista e libertadora, a partir do desvelamento do mundo e, das forças camufladas instituída nas estruturas na sociedade que condiciona o sujeito a "cultura do silêncio", que nega toda a marca de sua origem. Instrumento de desumanização, resultado em uma experiência de "quase-coisas “.

Assim, o presente artigo, originado tem como fonte as vivências e memórias de uma Educadora caiçara que deste sua tenra idade é mergulhada dessa cultura da qual se constituiu Educadora.

Este artigo ancora-se, metodologicamente em uma pesquisa de abordagem dialética (GIL; ANTONIO, 2008, p.14), fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, o método de interpretação histórico dialético, permite a produção de um pensamento crítico, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstratos de suas influências políticas, econômicas, culturais. A fim, de compreender os fenômenos sociais a partir do pensamento complexo (MORIN, 2005, p.13), complexibilidade é um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexibilidade é efetivamente o tecido do acontecimento, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico.

2 O ESPAÇO CAIÇARA

A Ilha dos Valadares atualmente é considerada o maior bairro periférico e populacional, encontra-se localizada na baía de Paranaguá/PR, litoral sul do Paraná, possui aproximadamente 4,1 Km² e suas terras pertencem a União. (FELISBINO, 2016).

A ilha dos Valadares, antes da década de 90, possuía uma configuração social muito diferente da atual, só podia ser alcançada por embarcações. Separada do continente, pelos rios Itiberê e Correias, por uma distância aproximada de 400 m, atualmente ela possui uma passarela, que liga ao município de Paranaguá.

A Ilha apresenta vários elementos, para compreensão de fenômenos relacionados à sua configuração social. Ao lançar um olhar sobre a constituição deste grupo social, e as características que o mesmo imprime no espaço em que habita, observa-

se que são nas relações do cotidiano, que são construídos os laços afetivos, os símbolos, códigos de conduta e as práticas culturais, estabelecendo dessa forma, os vínculos de pertencimento que promove a identidade e pertencimento dos atores locais.

Para a realização dessa análise a Ilha dos Valadares, será apresentada como uma comunidade. Esta escolha conceitual parte do contexto vivido e observado, pois é possível identificar várias denominações tecidas pelos próprios sujeitos e entidades governamentais e não-governamentais que interagem diretamente ou indiretamente com esses sujeitos, tais como: pessoas que se dedicam à pesca artesanal, ao artesanato; e cultuam tradições como o fandango paranaense, que é a única dança típica litorânea.

Diante dessa realidade e das relações dos sujeitos como os aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais, foi escolhido denominá-los como caiçaras.

“entende-se por caiçara as comunidades formadas pela mescla da contribuição étnico-cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos. Os caiçaras apresentam uma forma de vida baseada em atividades de agricultura itinerante, da pequena pesca, do extrativismo vegetal e do artesanato”. (DIEGUES, 2004, p. 9)

Assim, o homem inserido nesse espaço é o resultado, das relações tecida no território, o território aqui passa a ser como elemento para construção da cidadania, ou seja, uso do território na construção da cidadania, mostra caminhos, há uma ausência de cidadania.

[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria conjunto indissociável de sistema de objetos, naturais ou fabricados, e de sistema de ações, deliberados ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vem juntar-se as outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p.46)

3 CULTURA CAIÇARA

Os diversos núcleos de povoamento dispersos em formas de sítios, apresenta no seu espaço territorial continuidades da cultura caiçara. Muitos dos moradores são oriundos de outras ilhas e reproduzem práticas culturais do seu lugar de origem, um modo de vida que combina as atividades da mata com as do mar, utilizando-se dos recursos naturais para sobreviver.

Manter seu "modo de vida" em seu território, significa garantir seu direito de "ser" caiçara, abafada por décadas de discriminação. Quando pensamos em "Modo de vida" e cidadania, pensamos em políticas sociais, porém quando recorremos a história que constitui o processo civilizatório do nosso país refletimos a complexibilidade do tema.

Isso faz com que esse campo temático apresente várias possibilidades de investigação, relacionadas aos seus processos econômicos, ambientais, culturais e políticos/social contemporâneos. Tais processos impõem tensões econômicas, políticas, sociais, culturais e identitárias.

As transformações e as mudanças socioculturais têm sido uma constante nas comunidades caiçaras. A cultura caiçara é definida como um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, que orientam os indivíduos em suas relações com a natureza e com os outros membros da sociedade, e que se expressam também em produtos materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança, rituais religiosos). Usamos também o conceito de modo de vida caiçara, entendido como a forma pela qual as comunidades praianas se organizam a produção material, as relações sociais e simbólicas dentro de um determinado contexto espacial e cultural. A produção material e não material da vida não são espaços separados, mas combinam-se para produzir seu modo de vida.

No entanto, a migração do caiçara para a cidade provocou uma mudança no modelo cultural, afetando o modo de vida tradicional "caiçara", em que o avanço da urbanização nas cidades litorâneas ameaça ainda mais a vivência como "caiçara". "Quando este se vê inserido em um meio que não é mais o seu, tendo que exercer atividades que já não fazem mais parte da sua prática, adotando padrões da cultura urbana". (DIEGUES, 2004).

A influência da modernidade e as mudanças ocorridas no tempo e espaço, como por exemplo: a construção da passarela, o êxodo rural, e a urbanização romperam com a característica da vida social da comunidade em Valadares, que era de isolamento social, o qual possibilitava a manutenção de um determinado modo de vida, de uma cultura extremamente rica, caracterizado por uma série de hábitos e tradições: o falar, as festividades religiosas, a produção artesanal e a realização de

trabalhos coletivos. Isso tudo passa a ser ressignificado, mas não no sentido de extinguir o caiçara, pelo contrário, é enfatizar o caiçara e suas práticas nesse contexto. Enfim, ser caiçara representa, dentre tantas coisas, resistir.

Essa mudança estabeleceu uma relação direta com o município como se a Ilha fosse uma extensão do mesmo, e o contato permanente com o continente e o acesso aos meios de comunicação, contribuiu para a modificação da paisagem, e das relações tecidas nesse território, mudando a característica de Ilha.

Ao vivenciar o objeto de pesquisa nota-se que as transformações ocorridas ao longo das gerações acontecem por meio do fluxo de idas e vindas de pessoas, bem como intervenção de atores externos como a expansão do capitalismo, fenômenos como globalização, políticas liberais, que adentraram em toda esfera da vida social em diferente tempo e espaço mudando as formas de relações.

4 DESTERRITORIZAÇÃO

A instauração de uma Colônia portuguesa no território brasileiro, após a tomada de posse por Pedro Alvares Cabral, em 1500 deixa suas marcas estruturais. A expansão das companhias chegam em territórios litorâneos, esse processo parte de um projeto que integra à dinâmica política, social e econômica do desenvolvimento europeu de exploração do "novo mundo".

A "empresa colonial " instituída não se restringiu aos produtos voltado para exportação ou apenas aos interesses metropolitanos. Ao longo de todo o período colonial houve também uma diversificação econômica e social com o desenvolvimento de diferentes práticas econômicas voltadas para o consumo interno e para a efetiva ocupação das terras brasileiras.

O sucesso do projeto colonial e as vantagens da estruturação colonial ficam evidentes: muito poder e riqueza para uma minoria, clientelismo e vantagens limitadas para alguns, suor e sofrimento para a maioria, indígenas e depois negros.

Assim, a Vila de Nossa Senhora de Paranaguá surge no contexto do auge do ciclo do ouro, muitas foram as migrações neste período, não só de pessoas vindo de outros lugares em busca de riqueza, como de navios negreiros para trabalhar na exploração aurífera.

O ciclo do ouro em Paranaguá teve o privilégio do pioneirismo. Dali saiu às primeiras remessas de ouro para o Reino de Portugal. Na época das Capitânicas foi nomeado pelo Donatário, para governar, fortificar e preparar a defesa de Paranaguá, um capitão povoador de nome Gabriel de Lara, homem de visão e de espírito progressista, que logo tomou as providências necessárias, sendo que a primeira foi conseguir a ereção do pelourinho, símbolo da autoridade real, que se realizou em seis de janeiro de 1646. (CONSENTINO, 1982, p.6).

Este período ficou marcado na história de Paranaguá como o auge da expansão do mercado consumidor, levando a Vila de Nossa Senhora de Paranaguá o desejo de se tornar independente.



Figura 1: Vista aérea de uma parte da porção do Município (na parte superior da pequena porção da ilha dos Valadares. (1930).

Fonte: FELISBINO (2012).

A ocupação das Ilhas, em torno da Baía de Paranaguá, se deu por volta de 1550 e 1560, atraídos pela mineração muitas famílias vindas da Vila São Vicente e Cananéia, migram para a Ilha da Baía der Paranaguá, com o propósito de encontrar ouro.

Sobre a ocupação da Ilha dos Valadares, alguns registros e história contada pelos antepassados dão possibilidades de interpretação.

O que se sabe hoje sobre a origem do nome Valadares confirma a declaração do professor e também Secretário da Loja Maçônica Perseverança, Alfredo Alvós da Silva que relatou que na sua infância ouvia os antigos dizendo que a Ilha era ponto de comércio negreiro, “[...] que os navios negreiros quando vinham carregados de escravos, às ocultas (temendo a fiscalização

das autoridades) desembarcavam os mesmos na Ilha dos Valadares para o dia seguinte virem (os traficantes) à cidade e procurar fazer a venda dos ditos escravos que depois de vendidos eram transportados para cidade”. Menciona também que os encarregados pelas transações pertenciam à família Valadares. Entre 1888 e 1889, esteve na cidade o coronel Henrique Valadares, Secretário Geral do Grande Oriente do Brasil, e dele ouviu uma palestra na qual se disse muito feliz em visitar a terra de seus antepassados. (FELISBINO, 2016, p.).

Os fatos acima mencionados revelam o modelo civilizatório instituído pela Colônia portuguesa no Brasil, tais constatações abre um leque de interpretações para discussão e debates em diferentes áreas do saber.



Figura 2: Vista Aérea de Paranaguá e Ilha dos Valadares (em destaque)
Fonte: FELISBINO, J.N; ABRAHÃO, C.M.S. (2012)

Ao comparar a figura 1 com a figura 2 é possível verificar que no período entre 1930 à 2012, a Ilha dos Valadares sofreu um aumento significativo do adensamento populacional, transformando toda a paisagem que apresentava uma extensa vegetação extremamente rica. Vale destacar que Valadares possui um rico ecossistema de manguezais que vem sendo devastado desde as primeiras décadas de ocupação.

A mobilidade dos moradores da Ilha dos Valadares, para o continente era exclusivamente embarcações marítimas, canoas, barcos e lanchas, muitas delas produzidas pelos próprios moradores.

Os impactos das políticas econômicas desenvolvimentista liberal no regime militar resultou a expropriação e migração do camponês para as periferias das cidades na busca de encontrar melhores condições de vida.

O crescimento da areia portuária somados a construção civil e comércio elevaram nesses últimos vinte anos o aumento significativo da população local, deixando sobre o território muitas marcas. Isto ocorre porque as pessoas que vêm para o litoral em busca de empregos acabam se instalando em áreas periféricas, como é o caso de Valadares.

As primeiras transformações das estruturas naturais da Ilha, foram promovidas pelas ocupações iniciais de sítiantes que viviam em torno da Baía de Paranaguá, que vieram em busca de melhores condições de vida e trouxeram consigo os seus saberes, criando uma cultura, que somada à original, conferem a esta localidade características singulares. Desse modo, é possível vivenciar os espaços hoje criados, que remetem à época em que foram ocupados.

Esta ocupação se caracterizou por dois tipos de assentamentos: o primeiro como núcleo pesqueiro localizados à beira mar; e o segundo com ocupações lineares que se localizavam ao longo dos caminhos que se estendiam os núcleos pesqueiros ou núcleos com seu entorno agrícola e com outras localidades. Atualmente há na Ilha, diferentes formas de apropriação do espaço.

A Ilha era dividida em três bairros: Itiberê, a Vila Bela e o 7 de Setembro, devido ao aumento populacional atualmente possui várias subdivisões e suas casas não possuem número de identificação, elas são identificadas pelo número da rua. Possui alguns departamentos públicos e vários comércios de porte pequeno que não são suficientes para atender a demanda.

A Vila Bela é um bairro que sofreu maior impacto de urbanização, por estar localizada na parte central e mais próxima da passarela quase todos os serviços públicos essenciais se encontram nesse espaço.

A nova configuração que a Ilha, apresenta pouquíssimos elementos característicos da identidade local, seja do ambiente natural, da cultura ou dos traçados originais. No entanto, Algumas famílias tradicionais na Ilha conservam seus quintais cultivando hortaliças, frutas, criação de animais de pequeno porte, mas a maioria deles já não possui mais seus quintais, outros acabaram vendendo suas terras, passando a valorizar outras práticas ou modos de vida, ou acabaram cedendo para filhos ou parentes sítiantes que vêm de outras Ilhas na busca de melhores oportunidades.

Assim, a Ilha apresenta diferentes formas de apropriação do espaço, é possível observar que o processo de transformação urbano apresenta uma ordenação, a configuração original é mantida nas extremidades da ilha. Nesse processo, a maioria dos

espaços sofreu grandes modificações, como o fenômeno de favelização, segregação e degradação ambiental.

No entanto, esse mesmo espaço possui uma organização própria, apresentando no seu cotidiano atividades econômica e culturais e também tradicionais como a pesca artesanal, o artesanato, as músicas, as festas, o cultivo e outro. É possível vivenciar estas práticas no cotidiano de algumas pessoas que mostram resistência e lutam pela permanência de suas práticas e seu modo de vida, como se destaca nas narrativas de muitos moradores, que expressam um sentimento nostálgico quando lembram do passado.

O efeito do processo de transformação da paisagem e da ocupação desordenada do território ocorreu de modo lento inicialmente a partir da década de 90, aprofundando-se no século XXI.

Isso significa que as terras inicialmente sem utilização econômica viável passaram com o tempo a ter interesses, as mudanças que ocorreram neste período foram de ordem econômica, social, política, cultural e de infraestrutura e trouxeram modificações comportamentais na esfera local.

5 PRÁTICAS SOCIAIS

A Ilha dos Valadares, possui uma praça central que recebeu de homenagem uma estátua simbolizando o caiçara tocando viola, uma homenagem aos Fandangueiros da Ilha. O local é considerado o coração da Ilha, reúne, cotidianamente, em seu espaço público toda a vida social e econômica.

Ali é o local de encontro dos moradores mais antigos e dos jovens, os mais antigos vêm à praça pela manhã para ler um jornal, comprar peixe, e saber das novidades locais. Já os jovens frequentam a praça no período da noite, o único local de encontro dos jovens exceto a escola, igreja e campo.

Tanto na praça quanto na Vila Bela estruturam-se a político-administrativa, religiosa e comercial, atraindo todos os moradores da Ilha e do continente, gerando uma enorme movimentação no local, possibilitando a sociabilidade e a possibilidade de interfaces sociais diversas.

Antes de falar sobre o modo de vida, é necessário fazer algumas considerações sobre Cultura, numa perspectiva antropológica, “entende-se cultura como uma propriedade humana, baseada em uma relação simbólica que é acumulada ao longo do tempo, através da interação entre os indivíduos (sujeitos)”. (GEERTZ, 1955, apud LARAIA, 2001, p.33). Portanto, a cultura está relacionada ao tempo, a comunicação, a vida social e qualidade acumulativa ao longo da vida permitindo que as ideias, tecnologias e a cultura material seja interiorizada nos diferentes grupos humanos.

Vale ressaltar que cada cultura é um sistema único. Entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categorias constituídas pelo mesmo. Não existe cultura superior ou inferior, desenvolvida ou subdesenvolvida, melhor ou pior. (LARAIA, 2004 apud OLIVEIRA, 2011, p, 60).

Desse modo, é fundamental compreender as diferenças existentes entre os povos e suas culturas distintas, sua maneira de se relacionar com a natureza, sua organização, modo de produção e economia. É nessa relação entre a cultura e o meio material que o indivíduo(sujeito) é socializado, produzindo sua identidade cultural.

Na Ilha, um grupo de pescadores artesanais ainda resiste, sobrevivendo da pesca e marisco, mas com muita dificuldade devido à escassez do fruto do mar e leis ambientais que restringem o uso dos recursos naturais.



Figura 3: Embarcações dos pescadores artesanais
Fonte: EVELINE MENDES, 2016

Ao caminhar pela Ilha é possível identificar pescadores tecendo suas redes em frente suas residências próximas ao mar na área costeira da Ilha. Ao analisar as narrativas é possível identificar as dificuldades pelas quais eles passam para sobreviver

e manter a renda econômica através da prática da pesca, e o desinteresse dos filhos pela pesca. Durante conversas com moradores os mesmos relatam que seus filhos não tiveram interesse em aprender as práticas de pesca com o pai, preferem trabalhar no comércio da cidade de Paranaguá, porém o mesmo lembra que seus filhos quando adolescentes tinham vergonha da sua profissão.

O mar sempre desempenhou um papel real e simbólico para Ilha, com o passar do tempo as transformações urbanas associadas a modernização dos hábitos da população levou ao desinteresse das gerações mais jovens, que se sentem atraídas pelas novas oportunidades de ocupação principalmente ligadas ao comércio e as atividades portuárias. Mas muitos deles não tem sucesso e acabam sendo vítimas da dependência química.



Figura 4: Mercado de Peixe da Ilha dos Valadares
FONTE: EVELINE MENDES, 2016

A figura 4 apresenta a precariedade do espaço destinado à venda do peixe e mariscos. Em conversa com os pescadores, muitos reclamaram da falta de iniciativa por parte dos gestores na melhoria do espaço.

Em visita ao local observa-se falta de estrutura, não há freezer para o armazenamento dos frutos do mar, os pescadores têm que comprar todos os dias gelo para manter a conservação dos peixes. O acesso para chegar ao local é difícil e a maioria acaba vendendo seus pescados em caixas de isopor ou caixas plásticas.

A prática da pesca artesanal é influenciada por muitos fatores e no caso da Ilha dos Valadares a legislação é muito importante. Além da legislação pes-

queira que se aplica a todos os pescadores, existem aquelas que se relacionam as Unidade de Conservação do Litoral do Paraná. O uso dos recursos florestais está sob muita restrição, impedindo práticas que eram tradicionais na pesca, como a utilização de madeiras florestais e de mangue para construção de embarcações, casas, utensílios, apetrechos e mesmo combustível. O manguezal que é recurso muito acessível ao pescador do Valadares é completamente proibido. (FELISBINO E ABRAHÃO, 2016).

A prática da pesca artesanal vem sofrendo muitas repressões de ONGs, que possuem concepções conservacionista e preservacionistas e as leis ambientais implementadas, desconsiderando as práticas e saberes tradicionais.

6 ARTESÃO E FANDANGUEIRO



Figura 5: Artesanato local
Fonte: EVELINE MENDES, 2016

Seu José, mais conhecido como Zeca, ainda continua a sobreviver do trabalho artesanal e das apresentações do Fandango, não fabrica mais embarcações grandes como antigamente, mas confecciona miniaturas de embarcações, violas e rabecas, mantém em sua casa uma mini oficina rústica para confeccionar seu artesanato (figura: 8 e 9).

7 CARPINTARIA CAIÇARA

A cultura de construção de embarcações ainda é mantida por alguns moradores, como seu Waldir Korsanke, que aprendeu o ofício com seu pai, no entanto, o mesmo relata que não consegue sobreviver da construção de embarcações e divide

seu tempo entre o serviço portuário e a construção de embarcação. Permanece fazendo embarcações porque gosta, e sente prazer no que faz, mas devido ao custo da madeira poucas pessoas têm condições de mandar fazer uma embarcação nova.



Figura 6: embarcação em construção
FONTE: EVELINE MENDES, 2016

A maioria das embarcações que transportam os Ilhéus da Baía de Paranaguá para outra ilhas é construída pelo morador da Ilha (figura 10) que sente o maior orgulho em dizer que foi ele quem fez. As embarcações representam mais que um simples objeto, são elementos presentes na história do litoral e estão vinculadas ao modo de vida dos pescadores, ou melhor, ao modo de vida caiçara que possui outros símbolos importantes, como é o caso da farinha ou mesmo da religiosidade.

8 A CRENÇA DO POVO CAIÇARA

As igrejas sempre foram espaços de socialização importantes nas comunidades. Segundo narrativas, a primeira igreja construída na comunidade foi a de “Nossa Senhora dos Navegantes”. Era de madeira e depois a de alvenaria. Representada atualmente no mesmo local encontra-se a nova igreja construída em 2005, em formato de barco, em homenagem aos pescadores locais. Com o passar dos anos foram surgindo outras igrejas neo-pentecostais que não se restringem ao espaço estudado, mas a um fenômeno brasileiro.



Figura 7: Missa da Festa Nossa Senhora dos Navegantes
Fonte: EVELINE MENDES, 2016



Figura 8: Procissão Marítima da Festa Nossa Senhora dos Navegantes
Fonte: EVELINE MENDES, 2016

Tradicionalmente, todo ano, no mês de fevereiro, acontece, na Ilha dos Valadares, a festa da Nossa Senhora dos Navegantes. A festa recebe vários fiéis, inclusive de outras Ilhas próximas, principalmente no dia que acontece a procissão marítima, várias embarcações são enfeitadas para acompanhar a Santa na procissão.

Nas narrativas identifica-se a importância da religiosidade na vida desta comunidade e o valor simbólico que ela representa. É possível encontrar, em todo o tempo e cultura, o fenômeno religioso, a fé, que é algo necessário, pois sustenta e auxilia seus fiéis a acreditar na esperança perante situações de sofrimento. A fé na força

superior é entendida como uma manifestação necessária de enfrentamento de problemas.

9 ROMARIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO



Figura 9: Igreja do Divino, Mandicuera
Fonte: EVELINE MENDES, 2016



Figura10: Romaria do Divino Espírito Santo
Fonte: CHRISTIANBARBOSA.BLOGSPOT.COM.BR

A Romaria do Divino Espírito Santo acontece todos os anos no mês de Julho e dura cinquenta dias após a Páscoa. A Páscoa é comemorada no primeiro domingo de lua cheia, após 21 de março. Segundo narrativas, não havia, na Ilha, a festa do Divino, apenas um grupo de pessoas passava pela Ilha, vindo de outros sítios, fazendo romaria, depois o grupo deixou de fazer a romaria na Ilha dos Valadares por muito tempo.

Em 1998 um pequeno grupo organizou-se e revitalizou a festa do Divino, saindo em romaria pela comunidade “com as bandeiras” e cantando músicas em louvor ao Divino Espírito Santo, visitando as casas na comunidade, abençoando as famílias.

O grupo carrega consigo uma bandeira vermelha (do Divino) ou branca (da Santíssima Trindade), como é apresentado na figura 14, e a comunidade Nossa Senhora dos Navegantes acolhe as bandeiras com fé e devoção ao Divino.

10 A TRADIÇÃO DO FANDANGO

O sapateado é feito exclusivamente com o uso de um tamanco pelos homens, as mulheres não “batem” o fandango.

A preservação da Cultura da dança do fandango vem sendo pensada desde 1946 pela Comissão Nacional Do Folclore, sediada no Rio de Janeiro, ligada ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura (IBECC), a ONU e a UNESCO, com o objetivo de preservar o fandango como uma dança típica dos caboclos e pescadores, habitantes da faixa litorânea do Estado.

O fandango chegou ao nosso litoral por volta de 1750 com os primeiros colonos açorianos, passou a ser “batido” durante o “entrudo” (percursos do Carnaval), durante esse período a população não fazia outra coisa a não ser “bater” fandango ou comer barreado, prato típico a base de carne e toucinho, a bateção só terminava nas últimas horas de Quarta-Feira de Cinzas (VALADARES, 1982).

A tradição cultural envolve uma intrínseca relação entre produção e a festa, deu os contornos do perfil cultural nos processos de ocupação do litoral do Paraná. No entanto, o que podemos perceber, ainda hoje, na configuração espacial, são elementos desse processo constituinte. (FELISBINO E ABRAHÃO, 2012, p. 34)

Na Ilha é possível apreciar a roda de fandango em diversas localidades e embora seus mestres e tocadores estejam com idade avançada, ainda persistem em cultivar a tradição.



Figura 11: Apresentação do Grupo de Fandango do Mestre Nemésio
Fonte: EVELINE MENDES, 2016

Na figura 11, observa-se a apresentação do grupo do mestre Nemésio Costa na festa da Nossa Senhora dos Navegantes, seu Nemésio faz parte de uma das famílias tradicionais da ilha, assim como os outros grupos. Seu Zeca da rabeca, toca rabeca em todos os quatros grupos de fandangos: o do mestre Brasília Ferres; Pés de Ouro, do mestre Nemésio Costa; Grupo Mestre Romão; e Mandicuera, do mestre Aurélio Domingues.

Durante a conversa com seu Zeca é possível perceber o entusiasmo ao falar da tradição do fandango. Depois de muito tempo em busca de reconhecimento, os grupos de fandango do Paraná e São Paulo conquistaram, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o título de Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro, reconhecendo o Fandango Caiçara como Patrimônio Cultural do Brasil em 29 de novembro de 2012.

11 A PAIXÃO QUE VIROU UNIÃO

Quem tem oportunidade de conhecer e conviver na comunidade observa que o povo da Ilha se caracteriza como um povo alegre, humilde que carrega consigo muitos valores simbólicos acumulando em seu modo de vida e tradições que vão passando de geração a geração, como o fandango e a pesca.

O gosto pela festa carnavalesca não é diferente, desde a fundação da escola de samba União da Ilha seus moradores se unem como uma grande família, segundo moradores, o Carnaval é um momento muito esperado, assim como seus bailes carnavalescos nos clubes Itiberê, Vila Bela e 7 de Setembro. A maioria dos moradores participam das festas carnavalescas, com seus blocos de sujos, geralmente fazendo crítica ao poder público.



Figura 12: Mestre Sala e Porta Bandeira da Escola de Samba União da Ilha
FONTE: ARQUIVO DA FAMÍLIA DAMASCENO

A escola de samba União da Ilha surgiu dessa paixão pelo Carnaval, anteriormente à escola existiam blocos carnavalescos como o bloco Carijô, o Vai Quem Quer, Engraçadinhos e a escola de Samba Valadares.

Desses grupos surgiu a União da Ilha em 1988, sempre despontando como uma das favoritas ao título de campeã, pelo seu brilho e principalmente pelo número de participantes e empolgação de seus componentes e sua torcida organizada que comparecia para prestigiar o desfile. Também é o momento em que os participantes buscam superar e resgatar sua autoestima superar o estigma que transcende as gerações.¹

¹ (Para Da Matta (1990), o Carnaval é um momento onde os pobres podem se organizar para tornarem-se “nobre”, ao mesmo tempo em que o Carnaval contém uma essência igualitária. A escola de samba União da Ilha é a que mais acumulou títulos de campeã do Carnaval local. Durante as conversas nota-se o esforço de seus participantes para apresentar um belo desfile, essa é uma maneira que os caiçaras encontram para dizer: “nós existimos, somos capazes”. Também é o momento em que os participantes buscam superar e resgatar sua auto-estima superar o estigma que transcende as gerações.)

12 FUTEBOL



Figura 13: Campeonato no Campo do Vila Bela
Fonte: ARQUIVO DA FAMÍLIA DAMASCENO

O futebol na Ilha dos Valadares, faz parte da cultura que acompanha gerações. Segundo relatos, era costume das famílias acompanharem os campeonatos de futebol realizados principalmente na Ilha dos Valadares. No passado existiam três clubes de futebol: Vila Bela, Itiberê e 7 de Setembro. Clube esses que participavam de campeonatos na Ilha dos Valadares com Agremiações da cidade de Paranaguá como Linense, Monte Alegre, Guanabara, Paranaguá e outros.

Os jogos geralmente eram disputados aos domingos, nos campos do 7 de Setembro, Vila Bela e Itiberê, acompanhado de uma torcida organizada pelas famílias, que ficavam ao redor dos campos. Havia rivalidade entre as equipes, principalmente quando as agremiações locais jogavam entre si.

O campo da Vila Bela que ficava na parte central da Ilha foi desapropriado para a construção da segunda escola estadual Cidália Rebelo Gomes, sendo assim, a agremiação da Vila Bela ficou sem seu campo de futebol, perdeu seu espaço cultural, seu lazer e sua competitividade.

Fato interessante que chama a atenção é a participação de políticos (geralmente candidatos) que frequentam os eventos de futebol, contribuindo com doações. Essas relações, envolvem um complexo campo de análise, não deve ser ignoradas, pois oferece elementos importantes sobre a prática social, relacionada à política que colabora para o entendimento e desenrolar dos processos locais. Neste caso a “política” é apresentada como parte de um circuito de trocas e possibilidades de acesso a

recursos, nos quais os políticos atuam como mediador nessas relações entendida pela lógica do coronelismo e clientelismo, outro fenômeno para ser estudado.

13 ESTIGMA

A colonização promovida pelas companhias colonizadoras é um ponto chave para compreender o processo de expropriação das terras indígenas. O tratamento violento dos colonizadores e as doenças trazidas causaram o genocídio dessa etnia, que persiste com o negligenciamento dos direitos das populações indígenas restante do Brasil.

O processo de ocupação e migração, ao longo do tempo levou a união de indígenas com brancos ou negros, dando origens aos caiçaras ou caboclos.

Em 2012, a prefeitura de Paranaguá, na intenção de resgatar a história social e cultural, na busca da valorização da cultura, inaugurou a estátua do Índio Carijô, seria uma forma de registrar a presença dessa tribo no Litoral, que hoje não se encontra mais em seu modo originário.



Figura 14: Praça Cyro abalem.
Fonte: WWW.PARANAGUA.PR.GOV.BR

Porém, essa homenagem não foi muito bem aceita pelos moradores locais, anterior a colocação da estátua, a comunidade já sofria estigma da população do continente, que atribuía o modo de vida caiçara ao índio, com uma conotação negativa "o selvagem" sem cultura, o "não civilizado".



Figura 15/16: Estátua Quebrada
Fonte: BLOG EDYE FERNANDES

Houve muitas discussões e divergências sobre a instalação da estátua a grande parte da comunidade não aceitou e no dia posterior durante a madrugada a estátua foi quebrada, em seguida retirada pela prefeitura sem nenhuma contestação das autoridades e comunidade local. Isso demonstra um certo repúdio à estátua, alegando que seria mais interessante que fosse esculpido um pescador com um barco segurando um remo e uma rede de pesca. As autoridades para não entrar em conflito com a opinião popular calou-se.

Essa marginalização e degradação da cultura tradicional podem ser consideradas consequências de fatores externos da ação da sociedade urbana. Todos esses fatos levantados nas narrativas simboliza o fato de que é possível estigmatizar um grupo social.

Deste modo, podemos identificar a barbárie de modelo civilizatório instituído, e não constituído no país que domina todo nosso território. Os processos de exclusão aos quais as comunidades tradicionais passam, são frutos de um contexto criado de sentimentos que se incorporam de forma difusa de sentidos, resultado da imposição

de uma concepção eurocêntrica, hegemônica e dominadora que não aceita a diversidade cultural, linguagem, vestimenta, mobilidade, religião, arte que não seja a dela.

Coloca em jogo toda uma identidade cultural e rouba a subjetividade do indivíduo, produzindo uma ilusão que lhe dá uma sustentação, ameaçando o pensar e agir de um determinado grupo.

Assim, relações desses fatores estão de certa forma submetida diretamente e indiretamente à própria dinâmica interna e externa entre grupos com culturas e interesses diversos causando situações de disputa pelo poder afetando gradativamente os indivíduos da comunidade da Ilha dos Valadares.

A literatura que descreve as populações caiçaras oferece elementos para compreender os fatos que contribuíram para as profundas mudanças nessas localidades das quais estas ficaram sujeitas, embora suas mudanças tenham ocorrido em graus diferentes com relação ao processo sócio-econômico muitas delas ainda reproduzem um modo de vida voltado para terra e mar exercendo atividades entre a pesca e agricultura. Desse modo, todos esses elementos e fatos permitem a compreensão a ideologia dominante outro fenômeno a ser estudado.

14 EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO

"Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam".

Paulo Freire

Considerando que a Educação é um caminho para o enfrentamento das questões sociais que se desdobram na sociedade e no mundo, essa se faz tão necessária. No Brasil, as propostas pedagógicas vem buscando compreender a diversidade e a complexibilidade que envolve as questões sociais? Quais lacunas as pedagogias apresentam em suas propostas? Como pensar uma proposta pedagógica e uma prática-educativa que não seja reducionista da realidade ou com enfoque dominante? Quais pressupostos podem nortear as práticas pedagógicas? Diante desses questionamentos apresentados, partimos para uma reflexão relacionada ao papel do Educador e o espaço Escolar.

Para Bourdieu (2009), a instituição escola é concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes. Isso significa entender que a escola não é um espaço neutro de construção do conhecimento e que nem todos possui capital cultural para garantir seu sucesso, tornando -se desinteressante para uma grande parcela dos sujeitos.

É importante entender o abismo entre o "mundo escola" e o "mundo da realidade dos sujeitos" tem gerado uma perda progressiva da capacidade da escola de gerar referências significativas para a vida dos educandos. Torna-se necessário superar esse abismo entre a realidade vivida e a escola a partir da aproximação e compreensão dos sujeitos e de seus interesses por parte da escola.

A escola deve articular aproximação e interesse nas demandas da comunidade potencializando suas práticas e saberes, ao contrário disse a escola continuara contribuindo para o processo de produção desigual desses sujeitos, excluindo da possibilidade de participar da construção de territórios escolares significativos.

Não a dúvida que se estabelece um choque cultural no interior da escola, dando espaço para o surgimento da violência e dos conflitos para além do aceitável e da possibilidade de convivência pacífica. Nesse sentido a conquista do direito e da cidadania bem como sua prática se torna uma prática cada vez mais distante, quando a escola se coloca como uma instituição neutra, isolada da realidade social e cultural do seu entorno.

A relação da escola com o seu entorno é um dos fatores mais críticos atualmente. A estigmatização territorial por parte do Estado, da mídia, e conseqüentemente da escola, contribui para o reforço da marginalização e da carga simbólica dos bairros de periferia. Não há dúvida de que a escola desempenha um papel fundamental na superação da violência e que isso se tornou emblemático nos últimos anos. No entanto, para que a escola possa agir como transformadora desta sociedade, permeada pela violência, é necessário ressignificar a escola e suas práticas.

No entanto, a Educação mantém um discurso de escolarização fechado em si mesmo e refratário da realidade do mundo social, tal pensamento reproduz discursos vagos sobre problemas gerais, sobre obstáculos de conhecimento do mundo social. Na prática a Educação escolar tem sido treinamento para competir por oportunidades de trabalho. A formação integral, social e humana, é relegada a planos secundário ou inexistente. Com a doutrina imposta pelas instituições financeiras, caminha-se inversamente à construção de uma política educacional de superação.

O utilitarismo dos modelos de educação proposto pelos setores dominantes, sobrepõem ao espaço educacional na sua luta histórica de construção do homem e transformação da sociedade. Objetiva-se ao atendimento das necessidades imediatas transformando o processo de educação em produto final de vendas, para atender ao mundo do trabalho negligenciando as necessidades mais particularizada. Confunde-se intencionalmente, chamando tudo de educação, retirando o espaço de construção da consciência.

Portanto, devemos perceber que esse processo histórico se instituiu sufocando outras possíveis práticas que poderia ter dado origem a uma outra história, a imposição de sua ideologia tem por objetivo congelar a história a sociedade e a cultura, enfim de manter o status quo. Essas concepções inaptas de transformar uma realidade, com foco na parte, vê o mundo, sobre as demais naturezas, estabelece uma diferença hierarquizada que contrói o lógico dominante, se alicerça nessa visão de mundo que fragmenta a realidade simplificando e reduzindo, perdendo a riqueza e a diversidade.

Que conhecimento queremos? Um conhecimento que promova a vida como primeira tarefa, um conhecimento que tenha como princípio ensinar a consciência de pertencimento à humanidade, o conhecimento "primeiro" é a compressão do "outro", o que esta ao meu lado, muitos falam em crise econômica, crise política, estamos passando uma crise de civilizatória, das relações humanas, uma crise de mentalidades que não é "humana". O fenômeno da globalização impõe unificação da técnica do planeta, mas não fez uma compreensão da cultura. (MORIN, 2005), A cultura hoje se assemelha a uma das seções de um mundo moldado como uma gigantesca loja de departamentos em que vivem, acima de tudo, pessoas transformadas em consumidores, em suma, a cultura da modernidade líquida não tem uma população a ser esclarecida e dignificada, tem Contudo, clientes a seduzir. (BAUMAN, 2013).

O descompromisso de governantes e sua subordinação ao modelo de desenvolvimento do sistema capitalista predatório, dita o ritmo da vida, e concentra a riqueza nas mãos de poucos criando condições de vida desiguais. O fenômeno da globalização neoliberal invade e asfixia a esfera pública, a vitalidade da democracia e os movimentos da sociedade civil.

Vivemos na falsa democracia, uma democracia mutilada, somos "cidadão mutilado" que a organização institucional do Estado não garante direitos, se a cidadania não atinge a todos não é cidadania, a função do Estado é promover ao ser humano

condições indispensáveis para que essas condições sejam instrumentos de realizações, que o transforme em um cidadão integral, assim consegue através de uma individualidade exercer a cidadania. Ele consegue sua liberdade, e tem capacidade de analisar sua própria situação. (SANTOS, 2007).

Para reverter esse cenário é necessário que o governo priorize um modelo cívico que sobreponha o modelo econômico. Diante do exposto reafirmo a importância da política pública educativa que garanta a seguridade social para o alcance da cidadania de uma Educação para emancipação e humanização dos sujeitos a partir de políticas sociais. Sendo assim, a Educação formal ou informal são questões sociais legítimas e reconhecidas como objeto de intervenção pública e como campo de direito social assegurado.

É necessário re(pensar) modelos pedagógicos que faça sentido e que contribua na construção de sujeitos conscientes, capaz de se ver, e se entender no mundo, que compreenda sua identidade, sua história para que possa vir a contribuir na construção do mundo com um todo, em diferentes aspectos da vida, dando sentido ao trabalho e ao modo de vida.

Uma pedagogia que permita ao sujeito a autorreflexão como desenvolvimento da consciência crítica, que seja capaz de reorganizar as experiências vividas transformando a realidade, através de uma educação e uma aprendizagem libertadora que desperte a curiosidade e desenvolva a criatividade que permita se enxergar como um sujeito histórico e inacabado.

Nesse sentido a Educação é fundamental para o enfrentamento da desigualdade. Romper a barreira entre as disciplinas e compreender a complexibilidade do enfrentamento da desigualdade requer saberes e colaboração interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar em pro da solidariedade e da cooperação entre o mundo humano, animais e não humanos.

O cenário atual que se apresenta no mundo é desafiador e exige refletirmos sobre as condições existenciais, e para isso é necessário uma “escola problematizadora”, coloca-nos a refletir sobre a nossa existência, que jamais esta pronta, que sempre esta sendo, que é resultado de nossas escolhas mediante a nossa liberdade.

Pensarmos a existência como nossa primeira tarefa, buscar sentido sobre nossa condição existencial de humanos que se reconhece enquanto humano. Ampliar a compreensão da vida, refletir sobre o que construímos, ressignificar nossos valores e crenças, o modelo de vida que adotamos e como lidamos com a perspectiva de

futuro. O ritmo acelerado do tempo moderno, as exigências, mecânicas de pensar e agir, onde tempo é dinheiro, pensamento faz correr sem saber para onde a fim de darmos contas das demandas e exigência que temos para viver.

Desse modo, pensar uma prática-educativa pautada na tolerância, aprendemos a tolerar o outro na sua singularidade, ou seja, respeitar e conviver com a diversidade, assim, é possível romper com o ritmo da individualidade e singularidade e se assumir coletivamente. Pensar no futuro é encontrar formas de se reinventar, formas sustentáveis para interromper essa globalização desenfreada, pensar que o futuro esta nas nossas mãos e temos a capacidade de escolher pela mudança.

A escola é um espaço de intervenção e cabe a ela promover e integrar valores, atitudes e ações experiências educativas das sociedades sustentáveis, desenvolver a consciência ética sobre todas as formas de vida, todas as vidas importam, respeitar os ciclos vitais, compreender a concepção dinâmica, criadora e relacional, desenvolver um olhar global, uma nova maneira de ser e estar no mundo.

A escuta e o diálogo nesse processo é indispensável a prática docente, por meio da escuta o educador entra no mundo do aluno para compreendê-lo, buscando elementos que possam instrumentalizá-lo para o desvelamento das forças que o condicionam a compreensão do mundo, fazendo com que ele não exerça seu protagonismo, como sujeito histórico que constrói a sua história e seja capaz de transformá-la com outro.

Desse modo, discutir as motivações e pautas dos movimentos sociais instiga os alunos a importância da ação, ou seja, o "mover com" no mundo e com o mundo, que quando nos unimos podemos mudar, transformar, transpor, romper. Entender que é na luta que mantemos nossos direitos e ampliamos nossa cidadania. Perceber sua presença no mundo, com o mundo e com o outro, assim me insiro no mundo e intervenho me imagino na luta para não ser apenas um objeto, mas sujeito também da história.

A escola é um espaço de fala importe para mobilização de alunos e comunidade no enfrentamento contra políticas discriminatórias que provocam a desigualdade é emergente resgatar a cidadania ativa em um movimento coletivo, estimular a autoestima e confiança a partir de ações de sensibilização dos problemas sociais e potencializar o desvelamento das relações de poder.

Abrir mão da cidadania é renunciar a vida. Assim, a educação é um direito individual do ser humano, a democracia bem como o desenvolvimento humano depende

diretamente desse direito. É urgente (re) afirmar que a educação e todos os outros direitos que juntos garantem a sua existência humana, pois exprime as aspirações inerentes à dignidade de todo ser humano, a cidadania é um bem inalienável.

A educação é um direito completo, a educação se apresenta não apenas como interesse individual, mas sobretudo como direito coletivo pertencente a sociedade. Educação como prática da liberdade. Paulo Freire, explica que a educação representa a capacidade de "ser gente". Assim, garantindo ao indivíduo, ao cidadão e a sociedade se construa da realidade, ser autor da sua própria história e identidade.

Em sua obra Santos nos alerta sobre a importância da Educação no processo de formação do "cidadão integral". A educação em sua missão emancipadora visa a construção diária e contínua da autonomia do educando, tornando sujeito e não objeto.

Portanto, a invisibilidade da desigualdade social, econômica, tecnológicas levam-nos a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate criador do mundo. Porém nossa postura deve ser esperançosa, o que eu posso fazer com o outro para esperar nesse momento, o "inérito-viável", vem construir caminhos, possibilidade para uma transformação libertadora o que posso fazer para superar a desesperança, um mover para indagar, porque eu luto, contra o que luto, contra quem luto, a favor do que luto, a favor de quem luto, esperança não é uma esperança van é uma esperança construída na luta e na educação política da comunidade para humanizar e libertar. (FREIRE, 2013).

15 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao decorrer do presente texto o ato de Educar exige um saber complexo e um olhar para o tecido social e suas múltiplas questões que envolve a vida individual e coletiva da comunidade do Educando.

O papel da Educação é desvelar as relações de poder e a opressão a invisibilidade de milhões de brasileiros vivendo nas favelas e periferias, questionar o Estado ausente excludente. A negação da cidadania, portanto, está relacionada desumanização e à coisificação do outro, contribuindo para a reprodução de fenômenos sociais complexos como a violência, a desigualdade social.

É tarefa da escola ser protagonista na construção de uma educação voltada para uma prática- educativa crítica capaz de recriar um mundo mais sustentável e igualitário com uma perspectiva coletiva, uma Educação que estimule a solidariedade a igualdade e respeito aos direitos humanos. Valendo- se de estratégia democrática e interação entre as culturas, com o propósito de mudanças de mentalidade em relação a qualidade de vida.

Assim sendo, com base na pedagogia freiriana, à prática -educativa crítica-progressista tem como princípio a autonomia do “ser” dos educado, buscar na prática educativa restaurar intersubjetividade do educando a partir, do desvelamento do mundo, e das forças camufladas instituída nas estruturas da sociedade.

Dito isso, é, portanto, tarefa do Educador ter consciência da função social e ética na prática educativa, não pode escapar à responsabilidade ética no seu mover-se no mundo, e sendo responsável pelo que faz no seu mover-se no mundo, assume o seu posicionamento político em favor a vida, frente a todas posições antagônicas dentro e fora da sala de aula, buscar militar contra todas as formas de injustiça, contra a ética do mercado, das políticas econômica neoliberal, ao cinismo e sectarismo de um ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A Cultura no Mundo Líquido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Bourdieu & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CONSENTINO, André, et al. **Ilha dos Valadares**. Curitiba, Imprensa, Universitária do UCP, 1982.
- DA MATTA R. **Carnavais Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DIEGUES. A. C. **Enciclopédia Caiçara**. São Paulo: Hucitec, Nupaub/CEC, v. 1, 2004.
- FELISBINO, Janelize Nascimento. **Valadares: história, cultura e meio ambiente**. Curitiba: Ed. do autor, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia- Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas e Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de Informações básicas Municipais. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 de jan. 2022.

LARAIA, Roque de Barros. **CULTURA: Um conceito antropológico**. 14^a. Ed. Rio de Janeiro: Jorge “Zahar Ed., 2001

MENDES, Eveline Tenorio. HALISK, Antonio Marcio. Divers@ revista eletrônica interdisciplinar, Matinhos, v.10, n.2, p.133-146, julho/dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/51495/34902>

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Editora Meridional LTDA, 2005.

OLIVEIRA, Maria do Socorro de Lima. **Os espinhos, as flores e os frutos do mandacaru: as transformações na configuração social de uma comunidade rural camponesa a partir das intervenções de atores internos e externos**. Campina Grande: Tese de Doutorado, 2011.

Qualidade socioambiental e dinâmica populacional em periferias urbanas: estudos de caso realizado na Ilha dos Valadares Paranaguá-Paraná. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Nacional de Estudo Populacional. ABEP, Águas de Lindóia/SP, 2012.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora Universal, 2007.